

## JOAQUIM

Quando parecia que os cinamomos não mais floresceriam; que seus desocupados ninhos não mais acolheriam os ovinhos dos pássaros; que as aranhas não mais fiariam suas teias nas copas; que os mosquitos não apareceriam para alimentar as aranhas, enfim, que a vida se exaurira naquele pedaço – o velho, desocupado observador da rua, de suas árvores e gentes, fixou o olhar meio mortiço, mas que naquele instante brilhou como nos melhores dias de antanho, na bela moça que caminhava pela Rua dos Chalés. Ela vinha, subindo o caminho em direção ao ponto em que ele se encontrava. Primeiro, sem qualquer dissimulação, o velho ajustou a vista focando-a nas canelas, cor de canella-alba, quase como um chocolate branco. Eram bem torneadas, finas nos tornozelos, tomavam corpo à medida que se endereçavam aos joelhos. Aí, o velho recordou como eram os joelhos de jovens como essa – a estes, tapava o vestido rodado, plissado. O velho teve certeza de que nada mais em pano havia, senão aquela saia estampada, que se afinava ao alcançar a moldura sensual da cintura de vespa. Naquele instante, um cisco caiu nos olhos embevecidos do velho, fazendo com que a imagem se perdesse. Removido o argueiro, pode vê-la pelas costas, rechonchuda, graciosa na troca dos pés ao caminhar, até que, acompanhando a curva da rua, desapareceu da vista.

A passagem de Branquinha, renascida, pela Rua dos Chalés, registrada com gula pelo velho já inapetente, era o sinal definitivo de que a vida se renova. Como a jovem exuberante, amanhã o verde cobrirá os cinamomos, que abrigarão os pássaros, que construirão novos ninhos ou deitarão ovos nos de antes, e as aranhas febrilmente fiarão suas teias, para apanhar insetos descuidados.

Branquinha se despedia, ninguém sabia, nem ela mesma, da Rua dos Chalés. Poucas semanas adiante, o destino começou a desenrolar a ponta de um longo fio, que iria se desdobrar através de todo aquele século vinte, que, fazia muito pouco, se iniciara.

-----

Joaquim foi ainda outra vez à porta de seu estabelecimento, um armazém de secos e molhados, não se animando a botar sequer o pé para fora. Fazia já um mês,

chovia torrencialmente todos os dias, o dia todo. A estação da chuva não podia surpreender a ninguém naquela grande clareira aberta na floresta tropical, onde se aglutinaram as casas que formaram a vila original, que cresceu para ser cidade, e um atracadouro natural que foi transformado num porto de intenso movimento. Tampouco causaria espécie ao português, ali residindo havia tantos anos. Mas aquele dia, aquele momento, por alguma razão, mostravam-se penosos, fazendo Joaquim sentir uma profunda e angustiante solidão. Olhou perdido para a luxuriante floresta tropical logo adiante com seu emaranhado de verde: parecia mais escura e sombria do que sempre, pela ausência do sol e pelo encharcamento provocado pelas águas cadentes daqueles dias todos. “O que faço aqui?” Indagou-se em pensamento, e viu sua própria imagem refletida num tosco espelho à entrada do armazém. Longe ia o ano de seu quadragésimo aniversário, assim que o basto bigode que fazia parte de sua figura começava a mostrar os primeiros fios de cabelos brancos. Vestia uma calça de sarja azul cujas bainhas mal cobriam os tamancos que calçava. Passou a mão pelo ventre já proeminente, coberto por um avental branco encardido. Deixou-se ficar mais tempo imóvel ouvindo o ruído forte do matraquear da chuva – nenhum freguês aparecia.

Começou como outras vezes a pensar em sua vida. Nascido numa família de cristãos-novos, em Portugal, cresceu ouvindo histórias terríveis de perseguições que remontavam, às vezes sentia nos próprios ossos, à distâncias relativamente próximas, como os anos da Inquisição, ou remotas, subconscientes, como de faraós e Egito. Perdera, por força das circunstâncias, as imposições do calendário judeu, seus rituais, como tempos de jejum e de orações, deixando-se permear, mas não de todo, mais por Cristo do que por Moisés. Nas paragens onde agora se encontrava, existia outra alternativa que não aceitou, ainda que tenha espreitado desconfiado: o animismo. Jovem, em busca de caminhos próprios, rompeu com o ambiente que considerava mediocre e opressivo do interior de Portugal onde nascera e vivia. Então, tal como navegadores portugueses, cantados pelos bardos lusos, tornou-se embarcadiço e aportou, enfim, na costa ocidental africana. Não se livrou da vocação familiar e tornou-se comerciante, estabelecendo um armazém varejista. Nunca chegou a ser totalmente feliz nessa parada africana, acalentando uma ânsia constante e reprimida de poder juntar dinheiro e mudar-se de vez para o Brasil. Após

mais tempo do que desejava, enfim apareceu a oportunidade, envolta numa amizade que soube construir nessa parada em terras africanas. Como o sol rompendo glorioso por entre as árvores, depois das longas chuvas tropicais daquele recanto, assim Joaquim viu a chance de emigrar para as terras encontradas por seu conterrâneo Cabral.

Parte do quadro de infelicidade existencial de Joaquim na longa experiência africana, dava-se pela forçada repressão de sua libido, excluindo deliberadamente a mulher nativa de sua intimidade, relacionando-se de forma escassa com européias que também raramente chegavam ao porto onde mantinha seu lar e seu negócio.

No Brasil, estabeleceu-se no ramo que conhecia. Num bairro de classe média na cidade portuária que escolhera para ficar enfim, montou o armazém. Relacionando-se bem com a comunidade à sua volta, fazendo vendas no caderno para um grande número de funcionários públicos e empregados do comércio, seu negócio ia muito bem. Mas sua angústia permanecia latente. Não era dado a freqüentar prostíbulos, inúmeros pela cidade toda. Defendia-se do ataque de vizinhas, especialmente casadas, mas também das solteiras. Preocupava-se muito, num caso, com o bom nome do estabelecimento e complicações com maridos ciumentos. Noutra, com o casamento, coisa que não constava mesmo remotamente de seus projetos. Era, na África como agora no Brasil, na maioria do tempo um melancólico.

Mas as pressões do ambiente o empurraram para uma inevitável procissão de Corpus Christi. Naquela quinta-feira de maio de raro esplendor, temperatura baixa como nunca vira no trópico, mas saudosa de invernos portugueses, radiante o sol, enfeitada pelo vestir elegante das senhoras, Joaquim viu-se postado ao lado de uma jovem de invulgar beleza. Um fato notável lhe aconteceu: no instante, percebeu que algo lhe iria ocorrer, não sabia bem o quê. Contrariando a determinação de seu corpo, surpreendeu-se voltado para a vizinha e encabulou-se quando ela o encarou: no instante, Joaquim percebeu o sangue subir-lhe à cabeça. Sentiu-se flagrado fazendo algo indevido. Ante o olhar que se manteve, virou ruborizado a cabeça e procurou nos bolsos por um rosário que não possuía.

Até o fim da procissão houve mais algumas trocas de olhares, dissimulados por ambos os lados, e tudo se desfez, parecia, quando o altar engalanado, os padres

e coroinhas, os confrades, as beatas e todos enfim, chegaram à Igreja Matriz, onde o velho arcebispo os esperava e, com uma missa pomposa, se encerrava a marcha religiosa.

Foi uma noite difícil aquela, para Joaquim. Deitou-se pensando na eventual companheira de procissão. Na cama, manteve-se em vigília por horas incontáveis; mesmo depois de adormecer, alternadamente acordava de sonhos onde a moça se tornara onipresente; e ingressava de volta no sono, mas via-se num estado de onirismo onde a jovem aparecia em lugares impossíveis como Calabar, Lagos ou Alfama.

Às cinco horas da manhã de sexta-feira, lá estava em seu posto um tresnoitado Joaquim. E pior, mesmo acordado ela não saía de sua cabeça.

Foram muitos os meses de angústia constante, consumida sozinha por Joaquim. Nunca mais viu sua musa de um dia. Nos festejos de fim-de-ano, quando ansiedades exacerbam-se, chegou a pensar em fechar o armazém e seguir adiante, talvez para o Rio de Janeiro.

Então, Joaquim viu-se em meio aos folguedos da Festa dos Navegantes, no parque de diversões montado à volta da igreja. Havia uma pequena multidão. Netos dos libertos, na esmagadora maioria, fizeram um passeio de barco pelo rio, seguindo o navio que conduzia a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. Ocupavam-se, após a missa solene, em comer dos farnéis que haviam trazido de casa – galinha com farofa – e bebiam vinho barato, cerveja e refrigerantes nas tendas montadas nesse recinto e, sobretudo, comiam melancias como sobremesa.

Joaquim sentara-se numa barraca e, por sozinho, não levava a indefectível farofa; comia peixe, pirão com molho de camarão e arroz, acompanhados do vinho tinto Natal, no improvisado restaurante.

Havia duas filas que se endereçavam a um mesmo local, com um par de portas. Eram os sanitários para senhoras, um, e para homens o outro. A fila dos homens longa como a das mulheres movia-se todavia mais rapidamente. Joaquim começou a tremer com as pernas, enquanto dava os lentos passos à frente. É que, em linha diagonal, pôde ver como um todo, não apenas um corpo de mulher, senão que o corpo daquela mulher de *corpus divinis*. O vibrar dos músculos das pernas foi tão intenso que experimentou dois sentimentos simultâneos: pânico pelo inusitado da

reação de seu corpo, e júbilo pelo achado, pelo reencontro. A fila onde estava movimentou-se pouco a pouco, mas de forma consistente, assim que em instantes já estava ao lado da jovem. Ela olhou para o lado, e deixou claro que não havia esquecido aquele momento, no mês de maio do ano passado – Joaquim enrubesceu, com um simultâneo arrepio pelo couro cabeludo. Um turbilhão de pensamentos apossou-se da cabeça do lusitano, especialmente a certeza de que não poderia perder aquela oportunidade. Ultrapassou todas as barreiras de sua personalidade, rompeu com sua quase constante misantropia e encarou a vizinha de fila com um meio-sorriso, semi-acobertado pelo grosso bigode. Saído do toalete, um Joaquim exultante viu que ela ainda aguardava pacientemente na fila que pouco se movimentava. Escolheu então um lugar estratégico de onde podia vê-la naquele instante e, depois, quando saísse, poderia tentar encostar e conversar sabe lá o quê. Na tocaia, começou a conferir com sua memória os pontos que havia guardado daquele encontro rápido, meses atrás. Tudo conferia. Era excepcionalmente linda, com a tez e o cabelo igual à senhoras da Mouraria, pensou Joaquim. Exteriorizava-se a cultura que dominou a Ibéria: mouros e berberes, de pele trigueira, como símbolos de poder e beleza. De forma segura, ancorado num sentimento que jamais havia aflorado desde seus tempos de adolescente na Europa, de homem jovem e em maturação, na África, disse para si mesmo, definitivo: Vai ser minha, para sempre!

As coisas eram difíceis, de forma quase total, para os frutos do estupro massificado, lançados à sua sorte, no pós escravidão. Portanto, mesmo que as intenções de Joaquim fossem as melhores – os anos seguintes provariam o amor inexaurível do português para com Branquinha, mas jamais houve uma certidão de casamento. Seus filhos, contudo, já não eram mais frutos da violação, pois Branquinha dera-se a Joaquim por amor, amor que podia ser sentido quando, na cama, ela fazia Joaquim, o sisudo, rir a finir-se ao separar com as mãos, antes dos beijos sedentos, cada um dos fios brancos que irrompiam em seu bigode. Um amor espiritualmente monogâmico – existiam apenas um e o outro. Amor que a acompanhou até a morte prematura. Branquinha deixou cedo o português e suas duas filhas e um menino. Joaquim nunca se ajustou à perda, agravando assim sua melancolia congênita. Foi-se depois, no tempo que parecia o necessário para bem encaminhar na vida os seus mulatinhos.

---

***Para minha avó.***

Fevereiro de 2002 (nono da série)